

São Paulo, 30 de janeiro de 2012

## **Nuvem pesada continua sobre JIRAU!**

Por Alexandre Yokote

Não podemos negligenciar a importância socioeconômica da Usina de Jirau que será uma das maiores hidrelétricas do Brasil, mas os riscos que se manifestaram nos últimos 12 meses são preocupantes, mas uma boa experiência para as próximas grandes obras.

Há quase 1 ano atrás assistimos à greve e revolta de operários ligados à obra que resultou em semanas de interrupção, danos patrimoniais e fortes ataques à reputação do Consórcio Energia Sustentável do Brasil (ENERSUS) responsável pela construção, manutenção, operação e venda da energia a ser gerada pela usina de Jirau. Indiretamente foram afetadas as empresas que fazem parte do consórcio: GDF-Suez, Eletrosul, Chesf e Camargo Corrêa.

O problema é que passado os meses, pelo menos no mínimo outros 3 riscos de manifestaram em Jirau:

- 1) Aumento da cota de 70,5 para 71,3m do reservatório da Usina de Santo Antônio – que envolveria tanto perdas da ordem de 90 MW para Jirau quanto um alegado risco à integridade da barragem da Usina de Jirau.
- 2) Indefinição quanto ao pagamento da indenização em função das perdas pelo evento de revolta de março de 2011. As seguradoras e resseguradoras não chegam a um acordo como segurado.
- 3) Empreiteira subcontratada pela ENERSUS para obras da Usina de Jirau entra na lista suja de trabalho escravo.

Do fim de 2011 para cá, os dois último ganharam destaque.

Na última semana saiu que o assunto de seguros será discutido em arbitragem em Londres, pois as resseguradoras e seguradoras não chegaram ao acordo para pagar estimado de 400 milhões a 1,5 bilhões de reais em perdas, além de ainda haver por trás sérias discussões quanto às cláusulas das coberturas, o ponto central seria de que não se tinha cobertura para danos originados por funcionários. A própria questão da arbitragem internacional ainda é discutida, pois o segurado não aceita esta questão, levantando a questão da própria autonomia do país para julgar isso, já que trata-se de um evento nacional de um empreendimento nacional. Seria interessante saber o que a corretora de seguros por trás disso está fazendo, já que seria o prestador de serviço que intermediou as contratações de seguro.

Também comento rapidamente a questão da construtora presente na lista suja de trabalho escravo. Na mídia muito se deu destaque colocando a Usina em obras de Jirau, como uma contratante de empreiteira listada. A construtora em questão (BS), falida, não era responsável pela obra da USINA, mas sim por casas de um distrito de reassentamento, ou seja, uma obra secundária, pequena em relação à construção da casa de força e barragem, mas mesmo assim foi a reputação do Consórcio Energia Sustentável do Brasil (ENERSUS) e a Usina de Jirau que mais sofreram. Numa abordagem de ciclo de vida, cada vez mais estamos tendo que abranger no espaço e tempo o nosso monitoramento socioambiental sobre a cadeia produtiva.